

Uma casa muito engraçada. Se não fosse da PM

Fredson Charlson
Da equipe do Correio

Dois sofás sem encosto com almofadas furadas e em péssimo estado de conservação, três cadeiras também sem encosto, um filtro bem gasto, alguns copos de vidro e plástico espalhados por uma mesa quebrada, uma faca com a ponta quebrada, uma vassoura velha, um cobertor paraíba e, vazio, um tambor que deveria acondicionar água. Essa é a "mobilidade" do posto da Polícia Militar na invasão da Estrutural.

Mas não é tudo. Os policiais que trabalham no lugar — e que preferem se manter anônimos, com medo de alguma represália do comando da PM — têm dezenas de reclamações na ponta da língua. O posto não tem portas e janelas, iluminação elétrica ou mesmo água. A cobertura apresenta goteiras. Banheiro? Nem pensar. Trata-se de um objeto de desejo dos policiais que passam a semana no meio da poeira e do cheiro do lixo do Lixão da Estrutural e enfurnados em um cubículo de 3m x 4m. "A gente tem que seguir a vontade até acabar o nosso plantão", dizem.

Sem nenhuma condição de funcionamento, outro aspecto soma-se à quantidade de problemas do lugar. O posto policial tem dezenas de furos feitos a bala. A localização — bem ao lado da pista principal de entrada da invasão — não impede a ação de criminosos, vândalos e bêbados que tentam, de alguma maneira, assustar os militares. Construído pelos ocupantes da Estrutural, o posto foi incendiado há cerca de um ano pelos próprios responsáveis pela construção. Indignados, eles cometeram o ato em represália pela derrubada de barracos pelos fiscais do Siv-Solo (Serviço de Vigilância do Solo) e policiais militares.

Tanta dificuldade em trabalhar se não assusta pelo menos incomoda os policiais militares que, durante a semana fazem turno de 12 horas (das 7h às 19h e das 19h às 7h) e, nos fins de semana trabalham uma média de seis horas diárias. As ocorrências acontecem o tempo inteiro. A maioria relacionada ao que os policiais chamam de "vias de fatos" (brigas, discussões, ameaças). Mas

Edson Gés 14.2.99



Com toda a precariedade que o envolve, o posto da polícia na Estrutural ainda tem que evitar a entrada de materiais de construção com os invasores

há também muitos casos de mulheres em trabalho de parto, carros roubados, assassinatos.

O atendimento a esse tipo de ocorrência é precário. Não há telefones no "posto" (nem mesmo telefone público). Também não há nenhum rádio HT, que permitiria a comunicação rápida entre os policiais. A saída é recorrer, então, a algum telefone celular para chamar socorro pelo telefone 190. E azar do policial que não tiver um aparelho celular pessoal por perto. "Se a gente não tiver um celular ficamos desguarnecidos e à mercê dos marginais", diz um dos PMs.

MEDO DA ESCURIDÃO

"O posto realmente oferece muito perigo, muita ameaça. Mas não dá para retirar os policiais de lá. Como protegeríamos as pessoas?", questiona o tenente Hércules Freitas, 28 anos, do 4º Batalhão de Polícia Militar (órgão que cuida da vigilância e segurança no Guará, Setor de Oficinas Sul, Setor de Indústrias Gráficas e Estrutural). O 4º BPM, aliás, assumiu a segurança da área há 15 dias. "Recebemos a herança do Siv-Solo e trabalhamos lá no período noturno e também nos finais de semana. De segunda a sexta-feira, uma unidade do Centro de Operações da Polícia

Militar (Copom) é quem faz a segurança da Estrutural", explica o tenente Hércules Freitas.

Segundo o militar, os policiais já reuniram uma documentação relatando as péssimas condições de funcionamento do posto e pedindo melhorias. O número de policiais é considerado insuficiente para atender às demandas. "Ficar à demanda de ocorrência seis policiais sempre de quatro turnos. Não temos condições de colocar mais homens ali. Estão todos na ronda", conta o tenente.

Os PMs também contam que o efetivo de atendimento das ocorrências reduz-se ainda mais pela necessidade de se ter sempre um policial no posto para evitar a entrada de material de construção na invasão. "E temos que ficar atentos principalmente quando começa a escurecer. Aí, é só Deus quem pode proteger a gente. Como podemos trabalhar direito sem energia elétrica? A qualquer momento podemos sofrer um ataque de algum criminoso. Afinal, esse lugar que não podemos nem chamar de posto não oferece nenhuma segurança e proteção a nossa equipe", desabafam os policiais que trabalham no posto da Estrutural.